



**Instituto de Humanidades**

**Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade**

**LOVER JOÃO CÁ**

**RITOS E TRADIÇÕES: O OMAR DA ETNIA PEPEL NA SEÇÃO DE BIJIMITA,  
REGIÃO DE BIOMBO, GUINÉ-BISSAU (2018-2023)**

ACARAPÉ-CE, 2025

**LOVER JOÃO CÁ**

**RITOS E TRADIÇÕES: O OMAR DA ETNIA PEPEL NA SEÇÃO DE BIJIMITA,  
REGIÃO DE BIOMBO, GUINÉ-BISSAU (2018-2023)**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel na Humanidades.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Peti Mama Gomes

ACARAPE-CE, 2025

**LOVER JOÃO CÁ**

**RITOS E TRADIÇÕES: O OMAR DA ETNIA PEPEL NA SEÇÃO DE *BIJIMITA*,  
REGIÃO DE BIOMBO, GUINÉ-BISSAU (2018-2023)**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para à obtenção do título de Bacharel na Humanidades.

Aprovado em: 21/11/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Peti Mama Gomes (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof. Dr.<sup>a</sup> Natalia Cabanillas

---

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof. Doutorando Luizinho Jorge Cá

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente, gostaria de expressar a minha gratidão à Deus todo-poderoso por ter me dado vida, saúde e força na realização deste trabalho de conclusão de curso. Agradeço aos meus pais que já não estão entre nós, seria um privilégio tê-los presente e poderem acompanhar a materialização deste sonho. A educação que me deram e conselhos ainda vivo na minha memória, levarei para toda minha vida. Cada momento que piso neste mundo me nutro a esperança de lutar e transformar a sociedade. Ao meu querido amado filho, Bobuló Lover João Sousa Cá e a minha querida amada namorada Dalila Rui Mando Nanque, sou grato por tudo que Deus fez na nossa união.

Cursar e concluir o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades é um sonho, portanto não podia chegar a esta etapa sem lembrar dos doces conselhos que meus pais me deram desde criança. De mesmo sentido, endereço a minha profunda gratidão aos meus familiares, e amigos pelo apoio incondicional que nunca faltaram ao longo do meu percurso acadêmico. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho e cada momento compartilhado foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus irmãos/irmãs pela parceria e por estarem sempre ao meu lado me dando suporte necessário. E aos meus amigos, que tornaram esta jornada mais leve e divertida, oferecendo sempre os seus apoios e amizade sincera. Estendo os meus sinceros agradecimentos à minha querida orientadora, professora Dra. Peti Mama Gomes, “alguém que eu considero mãe” pela a sua disponibilidade, paciência, pelos conselhos e atenção dedicada a mim desde o nosso primeiro dia do encontro até o presente. Acredito que essa jornada não vai parar por aqui. Agradeço a todos/as que apoiaram de forma direta e indiretamente na materialização deste sonho. Durante essa caminhada enfrentei obstáculos, pensei em desistir, mas a contribuição de cada um de vocês ergueu-me e deu-me forme de continuar a nutrir de conhecimentos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>7</b>
<b>2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>7</b>
<b>3. HIPÓTESE .....</b>	<b>7</b>
<b>4. JUSTIFICATIVAS .....</b>	<b>8</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
<b>6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

No início, *Omar*<sup>1</sup> (*casamento tradicional*), pertencente à etnia Pepel<sup>2</sup> de *Bijimita*, tem um impacto positivo, pois ele se considera parte de uma tradição que reconhece o estatuto da pessoa dentro da sociedade. A etnia Pepel de *Bijimita* reconhece a maturidade de um indivíduo a partir do momento em que este cumpre as tradições de sua própria cultura, à qual também pertence. Este trabalho tem como objetivo principal compreender o processo de *Omar* - casamento tradicional em seção de *Bijimita*, Região de Biombo em Guiné-Bissau. Na Guiné-Bissau, *Bijimita* está situada no norte do país, na região de Biombo, com o próprio nome, seção de *Bijimita*.



Fonte: arquivo elaborado por Nemésio Boni Nanque em: 10/03/2024.

A comunidade é formada por uma diversidade de etnias, sendo, no entanto, predominantemente Pepel. Dentro dessa sociedade, existem práticas socioculturais que determinam a aceitação e o reconhecimento do homem casado com base no cumprimento das tradições e costumes locais.

Este projeto busca contribuir para uma melhor compreensão do casamento tradicional entre os Pepel da seção de *Bijimita*, permitindo que os indivíduos conheçam as formas e os rituais desse matrimônio na Guiné-Bissau. Na minha percepção, abordar esse tema é uma forma de documentar e valorizar a prática cultural da minha etnia, além de permitir que o mundo compreenda a sua realidade e seus valores tradicionais. A discussão sobre o casamento

<sup>1</sup> *Omar* é um termo da etnia Pepel que significa o casamento tradicional desse grupo. Trata-se de uma cerimônia realizada para que a pessoa se sinta segura e prestigiada antes de participar de outras celebrações.

<sup>2</sup> Pepel: é um nome chamado pela a própria referida etnia, na qual é identificado sempre.

tradicional também reforça a importância da identidade étnica, pois falar sobre cultura significa reconhecer sua identidade e os seus valores que a sustentam.

Segundo Gomes (2019), os valores tradicionais africanos e guineenses orientam o comportamento dos indivíduos em momentos importantes de suas vidas. Isso significa que, além das leis do Estado-nação independente, as etnias mantêm-se fielmente ligadas às suas organizações coletivas. O casamento tradicional na seção de Bijimita continua a ganhar força dentro da comunidade Pepel, e qualquer pessoa da etnia que não cumpra essa tradição pode não ser reconhecida socialmente como alguém digno de respeito. A valorização do *Omar* tem grande importância no contexto das sociedades Pepel, garantindo a continuidade das práticas culturais e o reconhecimento social dos indivíduos.

Na comunidade dos Pepel, observa-se uma forte presença feminina, tanto em número quanto em participação nas atividades culturais e sociais, conforme indicam estudos etnográficos sobre essa etnia (ver<sup>3</sup>: Carreira, 1947; Lopes, 1988). Bijimita é um espaço onde as práticas culturais tradicionais são fortemente observadas e valorizadas no cotidiano. Discutir ritos e tradições é essencial para compreender o papel das culturas na construção social da Guiné-Bissau. A etnia Pepel mantém suas práticas como forma de valorizar seus ancestrais e reafirmar que o Omar é um marco na vida adulta do indivíduo. Estes costumes vêm dos ancestrais e são considerados muito importantes na organização da sociedade do povo. As ritualidades da etnia Pepel, em especial o Omar, têm impacto significativo na vida social desse povo. O ritual de passagem é uma cerimônia que assinala a transição de uma fase da existência para outra, prática comum em diversas culturas e religiões.

Segundo Gennep (1909), em *Os Ritos de Passagem*, esses rituais marcam a mudança de status do indivíduo e favorecem sua integração ao grupo, reforçando a coesão social e a identidade cultural. Entre os Pepel, o Omar cumpre função essencial na formação da pessoa e na consolidação dos laços comunitários, permitindo que cada membro compreenda seu papel social e preserve sua ligação com as tradições e dimensões espirituais do grupo. Por exemplo, na Guiné-Bissau, como aponta Moreira (1993), os ritos são o corte da “*linha de badjuda*”<sup>4</sup> espécie de amuleto usado à cintura pelas crianças do sexo feminino a partir do momento em

---

<sup>3</sup> CARREIRA, António. *Mandingas da Guiné Portuguesa*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1947.

LOPES, Carlos. *A transição histórica na Guiné-Bissau: do movimento de libertação nacional ao Estado*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1987.

<sup>4</sup> Linha de badjuda: é uma marca na cintura como um sinal de pacto para a realização de Omar futuramente.

que lhes é atribuído um nome ainda na “morança<sup>5</sup>” do pai da menina e o raspar do seu cabelo ao chegar “morança” do pai do rapaz. Ambos são levados a cabo pelo futuro marido. De acordo com Pires (2019), entre os Pepel o Omar (casamento) é encarado como um ato de respeito aos antepassados, uma continuidade étnica e uma afirmação da existência do grupo e de seus valores.

É importante saber que o povo Pepel dá sempre importância a prática de ritos e tradições nas suas culturas como formas de poder continuar dar valor aos costumes tradicionais. Visto que, alguns autores africanos debruçaram sobre a mesma temática e inclusive guineenses: Inaida António Pires (2019; Yolanda Victor Monteiro Garraão (2022) & Aila António Gomes (2016), entre outras que falaram sobre esse impacto do uso das tradições na sociedade dos Pepel. O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de Omar, entendido como o casamento tradicional na seção de Bijimita.. A pesquisa será conduzida a partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com base em informações coletadas em livros, dissertações, artigos científicos e fontes eletrônicas. Estudar a cultura da etnia Pepel é fundamental para compreender sua realidade social e simbólica, contribuindo para a valorização e preservação de suas tradições.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivos Geral**

- Compreender o processo de *Omar* - casamento tradicional em seção de *Bijimita*, Região de Biombo em Guiné-Bissau.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Investigar sobre o procedimento de *Omar* da etnia Pepel na seção de Bijimita;
- Compreender a importância de cobrança e pagamento de dotes durante a cerimônia de Omar-casamento de Pepel em *Bijimita*;
- Descrever os motivos da materialização de Omar- casamento dos Pepel de *Bijimita*.

## **3. Hipótese principal:**

---

<sup>5</sup> Morança: é um local ou seja, espaço ocupado por uma certa linhagem dentro da etnia Pepel.

O Omar-casamento tradicional da etnia Pepel cumpre uma função social de unir os subgrupos ou clãs que compõem a estrutura da comunidade.

### 3.1 Hipóteses secundárias:

1. A transmissão oral dessa tradição garante a preservação da cultura e mantém a coesão social da etnia Pepel.
2. Apesar da relevância do papel da mulher dentro da comunidade, a tradição confere ao homem a responsabilidade de conduzir as alianças matrimoniais entre os subgrupos ou clãs.
3. O Omar-casamento tradicional contribui para a estabilidade das relações familiares e comunitárias, reforçando valores e normas sociais da etnia.

## 4. JUSTIFICATIVA

A motivação inicial para essa pesquisa surgiu a partir das experiências pessoais do meu tio, Paulino Sebastião Gomes Nanque, que morou em Lisboa, aproximadamente por nove (9) anos e precisou retornar para participar do ritual *Omar*. Estive presente e acompanhei todos os aspectos da cerimônia e, sobretudo, o momento de pagamento do dote. Essa vivência me fez perceber a importância desse ritual para grupos étnicos Pepel. Quando cheguei à UNILAB e comecei meu primeiro semestre em Humanidades e também conversando com colegas veteranos do BHU, descobri que muitos falavam sobre temas para trabalhos de conclusão de curso. Ou seja, para terminar o curso de bacharelado, um dos critérios é escrever um projeto de pesquisa ou TCC. Logo, o único tema que consegui imaginar naquele momento para minha pesquisa de graduação foi o ritual de *Omar-casamento*, pois, para os Pepel de *Bijimita*, o *Omar* é considerado um rito indispensável e um marco importante no processo de amadurecimento feminino e **masculino** dentro da sociedade.

Assim, a escolha desta temática deve-se à necessidade de documentar academicamente sobre os “Ritos e tradições do *Omar* da Etnia Pepel na seção de *Bijimita*”, com o objetivo de compreender sua importância e seu impacto na sociedade. Acredito que, na Unilab, ao trazer epistemologias africanas de diversas épocas, pesquisas como esta atualizam e contribuem para o conhecimento acadêmico. Pois, as práticas dos nossos ancestrais, mantidas ao longo dos séculos, têm um impacto direto na sociedade Pepel de *Bijimita*. Portanto, preservar essas tradições é também grafar, aliás, documentar a nossa herança cultural. Isto é, para mim, essas práticas, em um nível geral, contribui no entendimento e apreciação de como o matrimônio

ancestrais dos Pepel e práticas rituais culturais resistiu às violências coloniais. Este projeto justifica-se por vários motivos, entre os quais se destacam a relevância acadêmica, social, política e cultural.

Âmbito acadêmico, esta pesquisa servirá como um recurso contemporâneo de consulta importante para investigadores(as) interessados(as) em temáticas culturais da etnia Pepel, contribuído também na bibliografia disponível na Guiné-Bissau e na Unilab. Dado que, o ensino na Guiné-Bissau tende a ser eurocêntrico, muitas realidades ancestrais não são adequadamente abordadas, ou seja, ensinadas nas escolas. No que se refere à motivação social, este estudo busca destacar a importância de valorizar as práticas culturais e os valores deixados pelos ancestrais da sociedade guineense, que vêm sendo gradualmente esquecidos em razão da influência dos costumes eurocêntricos e das transformações trazidas pela modernidade. A cultura é um dos principais meios de expressão e de construção da identidade coletiva, sendo essencial para o fortalecimento de uma sociedade mais justa e consciente de sua diversidade.

No campo político, observa-se que a cultura e suas práticas dialogam com as formas de poder, influenciando comportamentos e modos de convivência entre os diferentes grupos sociais. Já no aspecto cultural, o processo de globalização tem provocado um intenso intercâmbio de valores e costumes, o que torna ainda mais necessária a preservação das tradições locais e das formas próprias de viver. Assim, este trabalho propõe uma reflexão voltada à valorização e à recuperação das identidades culturais guineenses, em especial de etnia Pepel, reafirmando a importância das heranças ancestrais para a construção de um futuro socialmente e culturalmente consciente.

## **5. METODOLOGIA**

Neste projeto, adotaremos uma abordagem qualitativa, uma vez que o propósito deste estudo visa estudar os ritos e tradições de “Omar” do povo Papel, na Guiné-Bissau. De acordo com Minayo (2001), “uma pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Dessa forma, este trabalho assume predominantemente uma natureza qualitativa, buscando compreender, de maneira localizada (realidades dos pepel de Guiné-Bissau), as dinâmicas socioculturais envolvidas nos ritos da Omar.

Gerard e Silveira (2009) afirmam que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de uma determinada realidade social, pois os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto de um modelo único de pesquisa para todas as ciências”. Essa

perspectiva evidencia o compromisso da abordagem qualitativa com a interpretação dos sentidos e dos valores e práticas sociais dos fenômenos investigados. Por isso, trata-se de um projeto de caráter qualitativo, voltado tanto para o meio acadêmico quanto para qualquer pessoa interessada no tema.

Para o levantamento de dados, será realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em artigos científicos, dissertações e teses de autores que já abordaram o tema. Segundo Piana (2009), a pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais já publicados, permitindo reunir e organizar contribuições teóricas e empíricas existentes, identificar lacunas e ampliar as possibilidades de análise crítica sobre o objeto de estudo.

Serão priorizados obras que tratam especificamente dos ritos e tradições relacionados ao Omar-casamento tradicional do povo Pepel. As fontes poderão ser impressas ou digitais, sendo consultadas em bibliotecas e bancos de dados online. Nessa perspectiva, foram selecionados alguns trabalhos relevantes, entre os quais se destaca o de Edneusa Diamantino Cá, intitulado “Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau”. A autora neste estudo traz uma base importante para o diálogo com a temática da pesquisa, ao abordar de forma interessante os aspectos centrais do casamento tradicional entre os Pepel. Yolanda Victor Monteiro, por sua vez, tratou sobre a mesma temática que teve como tema ‘O casamento tradicional na Guiné-Bissau: O k’ mari na etnia papel’. Ela debruçou dos aspectos muito importantes no seu artigo onde ela destacou a questão de tentar conhecer de perto as realidades do casamento tradicional do povo Pepel e entre as outras práticas em que essas práticas se apresentam marco importante no processo da valorização das culturas ancestrais. Já Aldair Alberto Mango, em “Casamento da etnia Pepel na Guiné-Bissau: celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias”, propõe uma leitura que entende o casamento como pacto social e simbólico, destacando seu papel na manutenção dos laços comunitários e na interação entre famílias e grupos étnicos.

Também, a coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de alcançar os resultados propostos pela pesquisa. Esta coleta não se restringirá, apenas, às perguntas e respostas formais, pois envolve também a escuta atenta, o vínculo com os(as) participantes e a compreensão que eles têm sobre os sentidos atribuídos aos rituais e práticas. A entrevista semiestruturada será a técnica central nesta pesquisa, permitindo com maior flexibilidade na condução da conversa, além da análise dos materiais compartilhados pelos/as entrevistados/as. Por exemplo, serão entrevistados seis (6) estudantes guineenses da Unilab-Ce, pertencentes à etnia Pepel, de diferentes cursos e gêneros. A escolha desse grupo se deve ao fato de conhecerem de perto as práticas culturais que serão estudadas.

As informações obtidas na pesquisa bibliográfica e entrevistas serão organizadas e interpretadas com base na análise temática, visando identificar os significados e valores culturais associados ao rito do Omar e ao pagamento de dote na cultura Pepel. Porque, os eixos temáticos deste estudo estão voltados para o Omar, prática tradicional da etnia Pepel, com foco especial no pagamento do dote dentro dessa cultura. Embora esta pesquisa atual se baseia principalmente em fontes bibliográficas e entrevistas com estudantes da Unilab, considera-se a possibilidade de realizar um trabalho de campo na Guiné-Bissau futuramente: seja na fase final da licenciatura ou em um projeto de mestrado. Isso permitirá um contato direto com os grupos que ainda praticam os rituais do Omar, possibilitando a coleta de informações mais detalhadas sobre o casamento tradicional entre os Pepel. Lembrando que, por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento, os dados obtidos nesta etapa não substituem a vivência direta com os rituais, mas representam um passo inicial para aprofundar o tema em futuras investigações de campo.

## **6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O casamento tradicional da etnia Pepel na Guiné-Bissau, é denominado pela língua local como “*Omar*”, termo que significa, justamente, casamento tradicional. Segundo Bazzan et al. (2014), no contexto ocidental, o termo casamento deriva da ideia de “casa”, ou seja, do momento em que se decide estabelecer vínculos duradouros com outra pessoa, partilhando com ela o mesmo. Sendo assim, para os Pepel, o casamento é, acima de tudo, uma forma de fortalecer as linhagens, os costumes tradicionais e a identidade cultural do grupo. Esse povo considera o casamento como uma etapa muito fundamental na vida de seus membros. Além de ser um rito de passagem, ele confere aos indivíduos um conjunto de direitos sociais e culturais reservados exclusivamente àqueles que se casam segundo os preceitos tradicionais *Pepel*. Inclusive, os benefícios do casamento estendem-se para além da vida: o tratamento dado ao corpo do homem ou da mulher falecidos varia de acordo com o seu estado civil, por exemplo.

Assim, percebe-se que, para os Pepel, o casamento ultrapassa em muito a concepção europeia, assumindo significados mais amplos, que envolvem a vida conjugal, as dimensões espirituais, sociais e culturais da existência. Neste sentido, fundamentamos nossa reflexão no argumento de Schopenhauer (2011), que concebe o casamento como uma união entre duas famílias, marcada por vínculos recíprocos que instituem deveres conjugais. Para o autor, trata-se também de uma cerimônia ou ritual que formaliza esse contrato de união. Isto é, envolve atos simbólicos sancionados por uma sociedade, com o objetivo de estabelecer uniões reconhecidas socialmente.

No contexto da etnia Pepel, muitas pessoas realizam esse ritual tradicional como forma de adquirir prestígio, respeito e certas regalias dentro da comunidade. Os ritos e tradições associados ao casamento são práticas culturais amplamente aceitas nas sociedades, pois representam uma maneira de preservar e expressar os valores herdados dos ancestrais. É importante também pensar a sociedade do povo Pepel a partir das suas dimensões de práticas habituais para poder compreender as suas convivências e enquadramentos sociais. E, o casamento, dentro desse grupo étnico, é altamente valorizado. Cada vez mais, os jovens são incentivados a realizar a cerimônia tradicional como forma de preservar e honrar a memória dos antepassados, mantendo vivas as práticas culturais que sustentam a identidade coletiva do povo Pepel. Logo, estou me referindo a um grupo relativamente pequeno dentro do território nacional. Pois,

Com base no terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 2009, a etnia Pepel corresponde a aproximadamente 9,1% da população da Guiné-Bissau. Além dos Pepel, o País apresenta, em sua formação étnico-social, uma grande diversidade, com cerca de 40 grupos étnicos. Dentre os mais numerosos, destacam-se os Fulas (28,5%), os Balantas (22,5%), os Mandingas (14,7%) e os Manjacas (8,3%), (Mango 2017, p. 5).

Segundo Simões (1935) a etnia pepel encontra-se dividida em sete subgrupos étnicos, a saber: Bassassu “*Djagra*”<sup>6</sup> o mais nobre-Nanque e Ié; *Insó-Batsó-Có*; *Badjocomo Cá*; *Bitsanfinte-Té*; *Bitsutu-Djú*; *Bitsale-Batat-Indi*; *Biga-Baiga-Sá*. Bem sabemos que, esses conjuntos de linhagens do povo Pepel tem quase as mesmas atribuições tradicionais em todas as suas origens ou seus ancestrais. O *Omar*-casamento é compreendido como uma etapa de amadurecimento e sinal de maturidade social e cultural. Por essa razão, os pais atribuem grande importância à realização da cerimônia matrimonial. Nesse sentido, é comum que incentivem seus filhos a casarem-se com as suas sobrinhas, como forma de preservar as linhagens familiares e manter vivos os costumes e tradições do grupo.

Segundo Mango (2017), na Guiné-Bissau existem três tipos principais de casamento: o civil, realizado nos cartórios; o religioso, celebrado nas igrejas; e o tradicional, efetuado nas *tabankas*/aldeias pelos diversos grupos étnicos que compõem o tecido social do país. Cabe dizer que, muito embora amplamente praticado, o casamento tradicional não é reconhecido oficialmente pelo Estado guineense como uma forma legal de união. Sobre o tal, Lacerda (2016), afirma que, o regulamento do casamento civil, o código Civil da Guiné-Bissau (2006), no Artigo 1º da lei nº1/73, de 24 de setembro no Boletim oficial nº1, 4 de janeiro de 1975, prevê

---

<sup>6</sup> Djagra: significa nome de uma linhagem dentro da etnia pepel, pois, é considerado como linhagem que construiu a renança na etnia pepel.

que o casamento seja um ato que deve ocorrer entre pessoas de sexos diferentes, com o consentimento das duas partes envolvidas e que tenham idades superiores a dezoito anos. Entretanto, na etnia Pepel, o Omar, ou casamento tradicional, é uma prática definida desde a infância da menina. Desde cedo, ela cresce com a ideia do matrimônio como parte natural de sua trajetória social. Quando a menina atinge sinais de maturidade, como o surgimento dos seios, os pais costumam iniciar as negociações com a família do rapaz, mesmo que ela ainda não tenha completado dezoito anos. Essa prática, considerada tradicional entre os Pepel, faz com que muitas meninas se casem antes da maioridade legal.

Em termos mais amplos, o casamento é compreendido em diferentes contextos sociais e culturais como a união entre duas pessoas que estabelecem um vínculo socialmente reconhecido, marcado por deveres, direitos e responsabilidades mútuas. Para Rizzardo (2011, p.17), “o casamento vem a ser contrato solene pelo que duas pessoas se unem para constituir uma família e viver em plena comunhão de vida. Na celebração da cerimônia os casados são desejados felicidades, atenção entre eles a criação de uma família bem educada em que os pais se sentem mais responsáveis”. O Omar-casamento é um projeto sério de vida, guiados pelos mais idosos da comunidade, levando os noivos ao compromisso sério de amadurecimento social, cultural e tradicional. O ato de casar é demonstrar uma séria responsabilidade entre duas pessoas que se unem e decidem caminhar juntos durante a vida toda.

Recorremos a escritora Moçambicana Paulina Chiziane que afirma em seu artigo sobre as memórias de sua infância de seu grupo étnico, chamada *Tsonga*:

As minhas memórias mais remotas são das noites frias à volta da lareira, ouvindo histórias da avó materna. Nas histórias onde havia mulheres, elas eram de dois tipos: uma com boas qualidades, bondosa, submissa, obediente, não feiticeira. Outra era má, feiticeira, rebelde, desobediente, preguiçosa. A primeira era recompensada com um casamento feliz e cheio de filhos; a última era repudiada pelo marido, ou ficava estéril e solteirona, (Chiziane, 2013, P. 201).

Chiziane (2013), espelha a realidade das mulheres africanas e sobretudo do casamento, das mulheres moçambicanas da linhagem *Tsonga*. Nessas comunidades, as mulheres consideradas bondosas, não-feiticeiras e obedientes são aquelas que aceitam o casamento tradicional<sup>7</sup>. Por outro lado, aquelas que rejeitam esse modelo são vistas como rebeldes e até mesmo como feiticeiras.

---

<sup>7</sup> Refere-se à ideia de que a mulher deve obrigatoriamente assumir o papel de cuidar da casa, da família e, em especial, do marido, enquanto o homem é visto como responsável por proteger e sustentar o lar. Em muitos debates que acompanhei na Unilab, colegas mulheres afirmaram que essa realidade ainda está presente na sociedade

Entende-se que as mulheres Pepel, da Guiné-Bissau, seguem práticas semelhantes às das mulheres *Tsonga*, em Moçambique. Em outros termos, as mulheres Pepel são instruídas a cumprir com uma tradição cultural conservadora. Na cultura Pepel, só se reconhece socialmente uma pessoa quando ela se casa tradicionalmente (*Omar*), adquirindo assim um estatuto social dentro da comunidade. O casamento, nessa etnia, portanto, é compreendido como a união de dois indivíduos de sexos diferentes. Para que essa união se concretize, é necessário cumprir um ritual baseado no consenso entre as duas famílias envolvidas, que são consideradas instituições fundamentais para legitimar a união por meio da consolidação do matrimônio.

Ritual é visto como um sistema cultural de comunicação simbólica, esse simbolismo é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios, e estas sequências contêm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade convencionalidade, estereotípiã rigidez, condensação fusão e redundância repetição” (PEIRANO, 2003, Rituais Ontem e Hoje, s. p.)

Com base no casamento étnico tradicional Pepel, tanto para os homens quanto para as mulheres pertencentes a esse grupo, apenas o Omar-casamento realizado segundo os ritos tradicionais é reconhecido como legítimo. Os indivíduos que seguem e realizam as cerimônias tradicionais do casamento passam a gozar de todos os direitos sociais atribuídos aos casais.

Por outro lado, os Pepel não reconhecem, tradicionalmente, como casados as pessoas que não seguem o rito tradicional, mesmo que tenham oficializado a união na igreja ou no cartório. No entendimento dos Pepel, especialmente os da comunidade de Bijimita, se um casal realiza a cerimônia religiosa ou civil sem antes cumprir com o Omar-casamento tradicional, essa união não é validada na tradição Pepel. Para eles, casais do cartório continuam sendo considerados solteiros. Caso um desses indivíduos venha a falecer, o corpo será tratado como o de uma pessoa que nunca se casou.

Na cultura Pepel, o Omar-casamento tradicional é indispensável para que o indivíduo adquira direitos sociais, como o de participar das reuniões decisivas da comunidade. Segundo Cá (2016), tanto o homem com parceira de outra etnia quanto a mulher com parceiro de outro grupo étnico têm a obrigação de cumprir com as cerimônias tradicionais. O processo começa com o pedido de casamento feito pela família do rapaz à família da moça, o que se dá origem à exigência do pagamento de dotes por parte da família da noiva.

Nos tempos antigos, os antepassados dos Pepel estabeleciam que, para alguém se casar, era necessário seguir certas regras fundamentais, que orientavam inclusive a escolha da parceira

---

guineense. As mulheres são educadas para serem cuidadoras do lar, mas também para se tornarem figuras respeitadas e reconhecidas em suas comunidades.

com quem o indivíduo iria se unir. A escolha do cônjuge no contexto da etnia Pepel é orientada pelo pai, que indica sua sobrinha legítima para se casar com seu próprio filho. Essa prática tradicional visa preservar os valores culturais e garantir que os bens familiares permaneçam dentro da mesma linhagem. Segundo Té (2016), essa união entre primos, filhos e sobrinhas de um mesmo patriarca, é parte de um sistema de regulação que assegura a transmissão de heranças dentro do clã<sup>8</sup> materno (*djorson*), central na estrutura social dos Pepel. Como sabem que, etnia Pepel trata dos conjuntos das linhagens que se encontram dentro, pois, é uma etnia em que se acontece às práticas do ritual das linhagens. Enquanto algumas linhagens proíbem a união entre seus próprios membros, as outras a permitem. Antes do casamento propriamente dito, há um processo ritual denominado *Unima*<sup>9</sup>, em que o pai do rapaz formaliza a decisão de que sua sobrinha se case com o seu filho. Esse ritual reforça os laços entre as famílias e evita a dispersão dos bens para as outras linhagens. Como explica Cá (2016), nas famílias tradicionais Pepel, o casamento é tanto uma aliança afetiva quanto uma estratégia de manutenção da estrutura patrimonial e simbólica da linhagem.

No entendimento tradicional, se um jovem casar com uma mulher de outra linhagem, os bens adquiridos por seu pai podem ser transferidos para fora do grupo, rompendo com a lógica da continuidade familiar. Por isso, os casamentos consanguíneos são vistos como uma forma de conservar o patrimônio e evitar disputas futuras. Essa lógica se articula com o que Garrafão (2022) observa como uma prática que, embora regulada por normas tradicionais, é constantemente ressignificada, especialmente pelas mulheres, que buscam maior agência no processo de escolha matrimonial.

Nesse contexto, o tio materno desempenha um papel fundamental. Ele é considerado o guardião da linhagem e o responsável direto pelas decisões que envolvem suas sobrinhas e sobrinhos. Conforme destaca Té (2016), é o tio quem decide com quem a sobrinha deve se casar e, quando surgem conflitos dentro do grupo familiar, ele é a autoridade legítima para intervir e resolvê-los. Esse papel reforça a centralidade da linhagem materna e o lugar simbólico que os tios ocupam nas decisões que envolvem a continuidade da família.

Portanto, o casamento tradicional Pepel deve ser compreendido como uma instituição que articula aspectos afetivos, culturais, econômicos e políticos. Cá (2016), mostra que, mesmo diante da crescente influência dos casamentos civis e religiosos, os rituais tradicionais ainda são vistos como os únicos legitimadores plenos da união. E, como mostra Garrafão (2022), essa

---

<sup>8</sup> Clã: é uma linhagem que nasceu na mesma família.

<sup>9</sup> Unima: significa casamento tradicional.

tradição não é estática, mas sim adaptada pelas novas gerações, especialmente pelas mulheres, que interpretam seus papéis dentro desse sistema. Como se vê,

no ato do casamento, existem dois momentos da realização da cerimônia, ou seja, dois dias, o primeiro é a lavagem e o segundo é o casamento. Na lavagem, a família do rapaz vai levar todos os dotes que foram pedidos, e depois a família da noiva vai conferir todos os dotes que foram levados, se estão certos ou não. Se faltarem poucos dotes eles podem até perdoar e deixar a cerimônia decorrer, e se faltarem muitos dotes, a família da noiva pode adiar o casamento ou renegociar. Ou seja, vão fazer um acordo que vai permitir que a cerimônia seja feita e depois, a família do noivo vai ter que pagar os dotes que faltaram, (Cá 2016, p.22).

Para Cá (2016), Sete (7) panos de pinti lançado, lancom, pois, panos é a riqueza das mulheres pepelis; elas costumam ser bideiras o objetivo é possuir esses panos de pente que é um símbolo muito importante na cultura guineense principalmente para a etnia papel; 10 litros de vinho tinto, 5 garrafas de cachaça aguardente e 100.000 mil francos cfa (que correspondem a 500 reais em dinheiro), 5 barras de sabão, 2 saco de pão e “canha” é para os Pepel de Bijimita e de Bissau são os que mais se usa em casamento tabaco, farinha, essas farinhas têm dos homens e das mulheres, de 25 a 30 farinha pilado com mel e açúcar, porcos, arroz, 36 galinhas; é sempre recomendado de acordo com as casas, porco, cabra tem de ser fêmea é uma norma da tradição papel essa cabra tem por direito de fazer urina antes de ser sacrificado.

Por outro lado, Cá (2006) lembra que, no segundo dia que se realiza o casamento propriamente dito, tal ocorre sob muita a festa, dança na qual os parentes, colegas e amigos levam os presentes para os casais, panos, galinhas, bebidas, entre outras. Presentes, que alegram o ambiente tanto da família da noiva e tanto da família do noivo e também é dia que o casal recebe as orientações dos que já casaram. As mulheres vão dar o conselho à noiva com base nos princípios da moralidade cultural onde próprio noiva vai se beneficiar dos conselhos das mulheres velhas que já casaram, e os homens vão dar o conselho também ao noivo, geralmente as orientações seguem na didática de ensinar sobre como eles se lidam para não atrapalhar uns aos outros ao longo do casamento e de como tratar a casa, famílias também, eles vão ser consagrados aos seus Irmãos. Depois de toda cerimônia do casamento, a mulher vai para casa do marido, eles vão morar juntos. Ressalta-se que, as mulheres que aconselham a noiva, são consideradas maduras da linhagem do noivo recém casado, e ao lado do homem, ele recebe os conselhos dos tios de como assumir a responsabilidade de proteger a família.

Segundo os relatos dos anciãos de Bijimita, antigamente se o homem engravidar uma menina antes do casamento, esse indivíduo é multado, a pagar os dobros de dotes, já que ele quebrou a lei moral e tradicional. Atualmente essa lei moral não se reverbera na prática na sua totalidade, tendo em conta o surgimento da democracia no país, e de certo modo que a força

cultural sofre mudanças. Portanto, os Pepel de Bijimita são conservadores, fazem de tudo para cumprir aquilo que foram ensinados pelos anciões que também recebem de seus antepassados.

Para Cá (2016), o casamento para etnia pepel é um dos rituais mais importantes da tradição; sempre é transmitido por oralidade de geração em geração. Para se casar, a pessoa precisa passar por várias etapas na vida, cumprindo certos rituais que dão ao homem um estatuto social capaz de desempenhar uma função que a sociedade lhe conceda, ou seja, oferece a ele. Na tradição da etnia pepel um indivíduo, para ser considerado integrante da mesma ou adulto precisa passar em diferentes fases rituais, muito importantes; uma delas era “circuncisão” (fanado), cerimônia de iniciação que abre o caminho para as outras cerimônias tradicionais da etnia; um homem que já passou por essa fase sempre tem um privilégio muito grande no seio da família. Porque,

o fanado acaba sendo o primeiro grande rito para um indivíduo do sexo masculino. Nesta cerimônia, além da prática da circuncisão, ocorre um processo de transmissão de conhecimentos dos homens mais velhos para os mais jovens da comunidade. É um processo de iniciação e de integração ao universo masculino pepel, preparando os jovens para as funções que exercerão na sociedade, (Pires 2019, p. 67).

Nesta cerimônia, as mulheres não podem saber nada a respeito. Elas são afastadas porque não podem conhecer nada que se trata propriamente do fanado. Podemos ver que,

no grupo étnico Pepel, a circuncisão (fanado) é uma das cerimônias mais importantes da cultura. Porque, além de atribuir o respeito dos que já participaram do tradicional processo cultural de circuncisão, também concede aos mesmos o direito de resolverem quaisquer problemas familiares (parentes) ligados ao ritual, bem como, a herança da posse da terra, catandeira. Os homens que não passarem por esse cerimonial (circuncisão) continuarão impedidos de frequentar determinados lugares da comunidade por serem considerados crianças e, além disso, são humilhados pelos colegas e as mulheres, (Nanque 2022, p. 147)

Os rituais são cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos, carregados de intencionalidades. Bem, é preciso saber que os ritos são formados por uns conjuntos de rituais. Também os ritos fazem parte do universo simbólico na organização das sociedades humanas, portanto dá a sua expressão cultural. Os Pepel consideram o casamento como ritual mais importante no uso tradicional, pois, é uma cerimônia que quando a pessoa casa vai ter logo a condição de fazer as outras cerimônias tradicionais. Pois o ato de pagar dote, para os Pepel é visto como ato nobre, que serve como honra da menina por parte de seus pais.

os dotes do casamento quando essas coisas todas foram arrumadas vão ser entregues no dia das núpcias, na hora de corte da linha pelo próprio marido; essa linha que foi marcada pelo próprio pai do rapaz ou tio nesse caso no primeiro dia que ele foi pedir em casamento aos pais da menina essa linha serve como marcação; então o casamento pode ser realizado, mas antes disso, no início, a mãe da noiva tem que amarrar uma linha no corpo e esse pano é muito sagrado, também serve de cobertor de dormir durante seis dias no mínimo e doze no máximo dentro do quarto na casa de tio de noivo; essa linha de pano branco, é muito sagrada, esse pano é da própria mãe da noiva (se ela não tinha pode pegar da mãe do noivo na altura de cerimônia) e depois

levar a noiva para fazer lavagem num lugar sagrado da aldeia (de baixo de pé de polão e testo de casa dos pais), locais de culto apropriado, (Cá 2016, p.36).

É importante saber que a cerimônia tradicional é muito fundamental para o povo Pepel na seção de Bijimita, mas não só pela etnia Pepel, mas assim como as outras etnias que compõem o tecido da Guiné-Bissau.

## **7. REFERÊNCIAS**

CÁ, Edneusa Diamantino. **Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau**. UNILAB, 2016.

CHIZIANE, 2013. **eu, mulher... por uma nova visão do mundo**.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro. **O casamento da etnia Pepel e suas ressignificações na contemporaneidade**. UFRRJ, 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa. UAB/UFRGS. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.**

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

NANQUE, Honório Lima. **Comparação entre a cultura do grupo étnico papel e a cultura do grupo étnico balanta da Guiné-Bissau**. Ceára, Redenção, 2022.

MANGO, Alberto Aldair. **Casamento da etnia papel na Guiné-Bissau: celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias**, 2017.

MINAYO, m. c. s. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. petrópolis: vozes, 2001.

MOREIRA, Manuela. **O casamento na etnia Papel da Guiné-Bissau**. Fórum Sociológico, 1994.

MOREIRA, Margarida Mira. **O Casamento na Etnia Papel da Guiné-Bissau. Licenciatura em Antropologia – Departamento de Antropologia**. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1993.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PIRES, António, Inaida. **Okonte pu aka epro banha? ou porque a barriga pede tanto? Estudando sistema(s) de casamentos (kumar) na etnia pepel da Guiné-Bissa.** Campinas, 2019.

RIZZARDO, Arnaldo. **Direito de Família.** Rio de Janeiro: Forense, 2011.

ROBALDO, Ardjana Ghislaine Francisca Lacerda. **R629 Mara kasamente: a tradição de casamento arranjado nas etnias Balanta e Mandinga na Guiné-Bissau – 2016.**

TÉ, António Abipinte. **Principais rituais da etnia Pepel: fanadu e casamento.** UNILAB, 2016.